

Si Vis Pacem, Para Pacem: Adestrando para Emergências Humanitárias

Major John A. Nagl, Exército dos EUA, e
Tenente Elizabeth O. Young, Exército dos EUA

Vivemos em uma era de “paz pesada”... Haverão outros Kosovos e, seja por razões humanitárias ou estratégicas — ou apenas por impulsos impensados — não seremos capazes de resistir a todos... Não podemos nos comprometer nestas situações supondo que serão breves e temporárias... Devemos parar de supor que esses desafios irão desaparecer — que, “algo acontecerá” — e preparar-nos para enfrentá-los.¹

—Ralph Peters

COM O FINAL da Guerra Fria e o aumento de conflitos étnico-nacionalistas, complexas emergências humanitárias (*complex humanitarian emergencies — CHEs*) têm proliferado mundo afora. Conflitos internos que combinam deslocamentos maciços de gente, fome e fragilidade ou falência econômica de instituições sociais e políticas, estão se tornando comuns. A guerra continua a tomar parte da realidade internacional, apesar da crescente interdependência global.² Enquanto que, com o final da Guerra Fria foi reduzido o risco de conflito entre as grandes potências, também diminuíram os obstáculos às guerras por procuração e, conseqüentemente, mais de 40 conflitos persistem em diversos níveis de intensidade, sem solução previsível. Forças internacionais de manutenção da paz, por si mesmas, provavelmente não poderão obter resultados duradouros na maioria dos casos, mas podem deter combates e ajudar a implementar resoluções justas a longo prazo.³

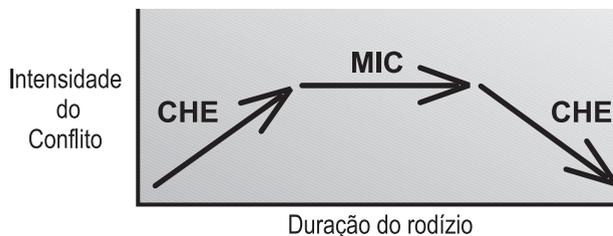
Enquanto que o Exército dos EUA se prepara para combater, e vencer, em duas principais guerras de teatro quase simultâneas, será freqüentemente chamado para proporcionar as forças militares necessárias para implementar a reação multifacetada de nossa nação às complexas emergências humanitárias.⁴ Mesmo com operações de paz e prevenções de conflitos potencialmente

mortais tornando-se cada vez mais missões de praxe, o Exército trata cada complexa emergência humanitária como uma exceção; engajando-se com pouco preparo rotineiro em tais eventos.⁵ Este problema já é do conhecimento — e discutido — além dos corredores do Pentágono ou da área do Forte Bragg (Sede do XVIII Corpo Aerotransportado — força de ação rápida). Os principais jornais e revistas regularmente debatem o assunto. Uma reportagem afirmava que “de todas as forças, o Exército tem tido a maior dificuldade na sua transição de um força da Guerra Fria, pronta para derrotar a antiga União Soviética, para o tipo de força flexível necessária ao combate de guerras como a que ocorreu em Kosovo.”⁶

O Exército já conduziu um número de exercícios conjuntos multinacionais, multiorganizacionais, multiagências e multiculturais para melhor preparar nossas tropas para esses novos desafios, mas continuam a ser administrados *ad hoc*. Porque o militar estadunidense, particularmente do Exército, encontra-se inundado por um debate interno relativo a como e quando proporcionar assistência humanitária, ainda não criou o adestramento necessário para crises que numerosos relatórios após a ação concluíram ser crucial para o sucesso dessas operações.⁷ O Exército deve imediatamente se ajustar enquanto continua o debate sobre as opções de criar um completo aparato militar de dupla finalidade, com uma força policial, mudando a sua estrutura, e tornando os desdobramentos mais fáceis ou, simplesmente, não se deixando envolver.⁸ Tais mudanças são cruciais pois os envoltimentos em complexas emergências humanitárias não esperarão até que o debate sobre o papel mundial pós-Guerra Fria dos EUA tenha sido resolvido.⁹

O Exército deve criar um programa de adestramento de rotina para que a reação dos EUA às complexas

emergências humanitárias tenham mais sucesso. A não ser que o Exército crie unidades especializadas cuja missão principal seja reagir a essas emergências, todas as unidades devem ser capazes de fazê-lo. Portanto, obedecendo a nossa filosofia de “treine como você combate”, todas as rotações no Centro Nacional de Adestramento (*National Training Center—NTC*), Centro de Adestramento de Manobras de Combate (*Combat Maneuver Training Center—CMTC*) e no Centro de Adestramento e Aprestamento Conjunto (*Joint Readiness Training Center — JRTC*) deverão incluir um cenário de complexas emergências humanitárias, entrando e saindo em um típico cenário de conflito de média intensidade (*mid-intensity conflict—MIC*) (veja figura). Este cenário reflete mais precisamente aquelas situações nas quais nossos militares estarão mais aptos a se encontrarem envolvidos e apresenta um maior de-



safio ao adestramento das forças dos EUA.

O Exército deve preparar mais ativamente para complexas emergências humanitárias. Jennifer Morrison Taw, pesquisadora da *RAND* (*Research and Development*) percebeu que “o Exército é o mais provável dos serviços militares a pagar o preço por falhas nas coordenações entre agências.”¹⁰ A implementação da política dos EUA na Bósnia ficou desprovida de um mecanismo para assegurar a eficaz integração dos programas civis e militares para o desenvolvimento da paz nos níveis tático, estratégico e operacional. Até agora, a única integração tem sido no nível operacional e ocorreu imediatamente. Como resultado, as condições militares para o sucesso do acordo Dayton Peace Accord foram, em sua maioria, cumpridas, mas a situação em terra nunca foi transformada para uma condição da qual o militar pudesse se desvencilhar. Como primeiro comandante da ONU nessa missão, o General George A. Joulwan observou, “Por causa deste dilema, não há um caminho certo que leve da estabilização à normalização, e nenhum prognóstico de quando o visível compromisso à manutenção da paz na Bósnia e na Herzegovina possa ser concluído. As condições que facilitam a transição à normalização... ainda não foram estabelecidas.”¹¹

A não ser que comecemos a fomentar tal integração, o Exército será menos eficaz e permanecerá comprometido

Enquanto o Exército dos EUA se prepara para combater, e vencer, em duas principais guerras de teatro quase simultâneas, será freqüentemente chamado para proporcionar as forças militares necessárias para implementar a reação multifacetada de nossa nação às complexas emergências humanitárias. Mesmo com operações de paz e prevenções de conflitos potencialmente mortais tornando-se cada vez mais missões de praxe, o Exército trata cada complexa emergência humanitária como uma exceção; engajando-se com pouco preparo rotineiro em tais eventos. Este problema já é do conhecimento — e discutido — além dos corredores do Pentágono ou da área do Forte Bragg (Sede do XVIII Corpo Aerotransportado — força de ação rápida). Os principais jornais e revistas regularmente debatem o assunto. Uma reportagem afirmava que “de todas as forças, o Exército tem tido a maior dificuldade na sua transição de um força da Guerra Fria, pronta para derrotar a antiga União Soviética, para o tipo de força flexível necessária ao combate de guerras como a que ocorreu em Kosovo.”

do com essas operações por mais tempo do que se estivesse melhor preparado para as demandas das complexas emergências humanitárias.

Os Três Principais Problemas da Coordenação Civil-Militar

Atualmente, três problemas principais impedem reações eficazes e eficientes por parte de militares dos EUA com relação às complexas emergências humanitárias: a formação de coalizões militares multinacionais; o relacionamento entre os militares, as outras agências do governo e as organizações de assistência humanitária e não governamentais; e a preparação individual de soldados.

A formação de coalizões militares multinacionais. As complexas emergências humanitárias atuais exigem reações multidimensionais, dependentes de forças militares multinacionais, organizações não governamentais (*nongovernment organizations — NGOs*), organizações voluntárias privadas (*private volunteer organizations — PVOs*), agências da ONU e muitos outros atores políticos e militares. Para serem mais eficazes com relação às complexas emergências humanitárias, os esforços civis e militares precisam aumentar a coordenação e



O Centro de Adestramento e Aprestamento Conjunto simula operações de estabilidade e apoio desde 1994 e atualmente treina unidades previstas a participarem na Força de Paz, na Bósnia.

Fotos: Departamento de Defesa

A não ser que o Exército crie unidades especializadas cuja missão principal seja reagir a essas emergências, todas as unidades devem ser capazes de fazê-lo. Portanto, obedecendo a nossa filosofia de “treine como você combate”, todas as rotações no Centro Nacional de Adestramento (National Training Center—NTC), Centro de Adestramento de Manobras de Combate (Combat Maneuver Training Center—CMTC) e no Centro de Adestramento e Aprestamento Conjunto (Joint Readiness Training Center — JRTC) deverão incluir um cenário de complexas emergências humanitárias, entrando e saindo em um típico cenário de conflito de média intensidade (mid-intensity conflict —MIC).

integração para maximizar a contribuição de cada elemento e evitar redundâncias e esforços contraditórios. Joulwan, que foi instrumental no estabelecimento do programa multidimensional Partnership for Peace, faz a observação de que nessas missões “o sucesso não é medido apenas pelo sucesso militar mas principalmente pelo sucesso civil.”¹²

Complexas emergências humanitárias devem ser da competência de coalizões unificadas e militarmente eficazes. Cooperação internacional para resolvê-las pode reduzir a carga estadunidense e dividir a responsabilidade.¹³ As expectativas de uma maior participação aumentarão, se os países se sentirem mais confiantes de que a comunidade internacional possa coletivamente administrar intervenções militares e perdas limitadas.¹⁴ Porém, é razoável esperar que tropas de exércitos invariavelmente distintos trabalhem em harmonia sem preparo prévio.¹⁵ Por exemplo, no Camboja, 35 países participaram de uma força de manutenção de paz — uma situação propícia

para dificuldades de coordenação.¹⁶ Portanto, os comandantes de forças multinacionais devem entender a qualidade divergente do adestramento entre seus contingentes militares.¹⁷

A melhor forma de evitar estes tipos de problemas é de estabelecer o adestramento multinacional nos níveis tático, estratégico e organizacional. O Primeiro Sargento Michael Prickett, Companhia C, 2º Batalhão, 87º Regimento de Infantaria, participou recentemente no *CENTRAZBAT 98*, um exercício multinacional de manutenção de paz que uniu 160 soldados da 10ª Divisão de Montanha com soldados turcos, russos e de cinco repúblicas que anteriormente faziam parte da antiga União Soviética. Relembrando a experiência, Prickett observou que “nesta era de operações multinacionais de manutenção de paz, quando se deve trabalhar próximo a soldados de outras nações, este tipo de treinamento é muito, muito valioso. Sabendo como outros exércitos agem é de suma importância quando se tem que participar com eles

de uma situação no mundo real.”¹⁸ O soldado Dickey Young, um fuzileiro da Companhia B, também mencionou que “é diferente quando se trabalha junto a pessoas de outras nações, podendo atirar com suas armas e vivendo com eles nas mesmas áreas.”¹⁹

Esses exercícios têm mais que apenas uma importância simbólica. Podem fomentar interoperabilidade à medida que as forças participantes se adestrem em operações combinadas de manutenção da paz e de assistência humanitária nos níveis de companhia e pelotão.²⁰ Tal treinamento aumenta a eficiência das forças dos EUA quando reagem a complexas emergências humanitárias, especialmente no nível tático, onde as operações fracassam ou são bem sucedidas.

O relacionamento civil-militar. Lidar com o grande número de organizações não governamentais e organizações voluntárias privadas, que normalmente tomam parte em complexas emergências humanitárias, pode ser frustrante e confuso para militares e suas contrapartidas civis.²¹ Objetivos, capacidades e perspectivas militares relativos ao problema não poderiam ser mais distintos do que os das organizações não governamentais.²² Não obstante a frustração ou confusão relacionada com esta coordenação, devemos lembrar que “apesar de que forças militares podem evitar a guerra, não podem por si mesmas construir a paz.”²³ Max G. Manwaring disse que “o conflito contemporâneo exige planejamento estratégico e cooperação entre os parceiros da coalizão, as organizações internacionais, organizações não governamentais e a representação civil-militar dos EUA.”²⁴ Nestas novas missões, uma variedade de assuntos devem ser considerados quase que simultaneamente — desde os econômicos, políticos e militares aos sociais, culturais e legais.²⁵ Assim, “a criação de uma estrutura integradora está entre os maiores desafios enfrentados pela comunidade internacional.”²⁶

Apesar dos numerosos envolvimento, as complexas emergências humanitárias ainda não estão sendo bem dirigidas. Preparar para, e depois lidar com elas, requer maior coordenação com as organizações não governamentais, organizações voluntárias privadas e com outras agências do governo dos EUA.²⁷ Uma recente publicação da RAND enfoca apenas o problema da coordenação entre as agências que lidam com essas emergências, observando que “até mesmo entre as agências dos EUA tal coordenação é difícil de alcançar. Os procedimentos entre as agências nos EUA seguem repletos de competitividade e confusão e ainda existe a falta de autoridade e de prestação de contas. Nem as agências civis nem os militares têm suficiente conhecimento das capacidades, objetivos e limitações do outro para resultar em uma eficiente coordenação das atividades.”²⁸

Além da coordenação entre as agências nos EUA, existe a mais complicada tarefa de lidar com as organiza-

Seria tolice descontar as diferenças culturais entre o militar dos EUA e agências civis humanitárias. A tensão é inevitável quando o militar considera complexas emergências humanitárias como sendo missões secundárias à guerra e enquanto civis envolvidos vêem sua primeira responsabilidade como sendo a proteção e assistência a inocentes civis. De qualquer forma, a única maneira de combater tal espírito provinciano é começar a trabalhar em conjunto. Solucionar estes problemas antes do desdobramento aumenta as chances do cumprimento de uma missão bem sucedida. Enquanto as diferenças culturais e estruturais entre as organizações civis e militares realmente criam conflitos durante complexas emergências humanitárias, “a realidade é que a coordenação no nível operacional entre as agências era incompleta já no estágio de preparação inicial”.

ções não governamentais. Por exemplo, na Somália, lidar com 78 organizações não governamentais foi difícil para o militar, mas “a coordenação entre as agências desde o começo ajudou a aliviar as tensões.”²⁹ O militar precisa entender melhor os requisitos e filosofias das organizações não governamentais e as funções de organizações específicas. Uma discussão mantida pelo Instituto de Estudos Estratégicos resultou em que “em termos militares, assuntos humanitários são o esforço principal e atividades militares são o esforço de apoio na maioria das operações de paz.”³⁰ Todo adestramento nos Centros de Adestramento de Combate (*Combat Training Center — CTC*) também deveria incluir organizações não governamentais, outras agências do governo e outras nações.³¹

O Exército deve considerar as organizações não governamentais como sendo “recursos com grande experiência e valioso conhecimento. Devem ser aceitos como sócios completos.”³² Muitas vezes, as organizações não governamentais e organizações voluntárias privadas antecipam-se às forças militares em áreas de crise onde ocorrem operações de paz dos EUA. Muitas destas agências já terão estabelecido contatos com os hostis e outros naturais da área. Assim, “tendo estabelecido sua própria função como benfeitor, a força-tarefa deve formar uma parceria cívico-militar com essas agências, o que ajudará a assegurar a união de esforços e a implementação dos programas. O primeiro passo

na sincronização destes esforços exige que os componentes civis e militares cheguem a uma apreciação comum de suas capacidades, e que isto leve a um nível maior de respeito mútuo.”³³

O relatório do Exército que resultou da *Operation Support Hope* (Operação Esperança de Apoio) em Ruanda salientou a necessidade de se formar laços com a ONU e as organizações não governamentais antes de possíveis crises e de desenvolver um treinamento que se concentre em capacidades de integração.³⁴ Muitas agências civis mantêm atitudes de cautela ao trabalhar e terem associação com os militares e se sentirem pressionadas por eles. Porém, Taw observou que frequentemente, aquelas organizações não governamentais, relutantes em trabalhar com os militares, simplesmente não têm suficiente conhecimento das capacidades, limitações e objetivos dos mesmos.³⁵

Seria tolice descontar as diferenças culturais entre o militar dos EUA e agências civis humanitárias. A tensão é inevitável quando o militar considera complexas emergências humanitárias como sendo missões secundárias à guerra e enquanto civis envolvidos vêem sua primeira responsabilidade como sendo a proteção e assistência a inocentes civis.³⁶ De qualquer forma, a única maneira de combater tal espírito provinciano é começar a trabalhar em conjunto. Solucionar estes problemas antes do desdobramento aumenta as chances do cumprimento de uma missão bem sucedida. Enquanto as diferenças culturais e estruturais entre as organizações civis e militares realmente criam conflitos durante complexas emergências humanitárias, “a realidade é que a coordenação no nível operacional entre as agências era incompleta já no estágio de preparação inicial”.³⁷ O estabelecimento de apropriados mecanismos de coordenação entre essas várias agências, nações e organizações, em tempo hábil, “podem não garantir o sucesso de uma operação,” mas a sua ausência “quase certamente resultará em fracassos.”³⁸

A preparação individual dos soldados. Enquanto aumentou a colaboração internacional entre os comandantes militares seniores, complexas emergências humanitárias continuam ocasionalmente a confundir os soldados, individualmente. Como escreveu Ralph Peters, “precisamos adaptar a força às mudanças do tempo... precisamos ter soldados capazes e em suficiente número, bem treinados e apropriadamente equipados... Quando pensamos no Exército do futuro... precisamos considerar do soldado em diante.”³⁹

Durante a *Operation Restore Hope* (Somália), o Exército descobriu que as tropas ficavam perplexas pela associação de missões de combate às de manutenção de paz. Além disso, muitas unidades militares encontravam-se mal preparadas para uma missão que exigia uma mentalidade bem distinta da do típico guerreiro.⁴⁰ Já que as ações de cada soldado muitas vezes têm grande impacto

político, torna-se imperativo enfocar o treinamento relacionado às complexas emergências humanitárias no nível da pequena unidade.⁴¹

Fora o treinamento tático dos soldados, os oficiais precisam de consideração especial. Nosso Exército tende a se aferrar demasiado às soluções tradicionais, louvando um “passado que não compreendemos.”⁴² Os comandantes de subunidade e superiores precisam de treinamento especializado, já que suas funções muitas vezes exigem ações “dois níveis acima” durante as complexas emergências humanitárias, pensando e operando nos níveis estratégico e operacional. O preparo para essas operações deve levar em conta um comando mais amplo e responsabilidades político-militares assumidas por soldados de hierarquia inferior ao que rotineiramente se concede nos conflitos de média intensidade (*Mid Intensity Conflicts — MIC*).⁴³

Uma Proposta para o Adestramento Obrigatório

Para minimizar o impacto dos problemas de coordenação cívico-militar, o adestramento multidimensional deve ocorrer regularmente. Este adestramento pode ser conduzido quando as unidades se desdobram no Centro de Adestramento e Aprestamento Conjunto (*Joint Readiness Training Center — JRTC*) no Forte Polk, Louisiana, no Centro Nacional de Adestramento (*National Training Center — NTC*), e no Centro de Adestramento para Manobras em Combate (*Combat Maneuver Training Center — CMTC*) em Hohenfels, Alemanha.⁴⁴ Exigir que as unidades sejam proficientes em operações relativas às complexas emergências humanitárias e na forma como lidam com civis, os fará prepararem-se para tal adestramento regularmente.

O Centro de Adestramento e Aprestamento Conjunto do Exército oferece exercícios duros, realísticos e exigentes de duas semanas de duração para melhorar a liderança e proficiência das unidades militares. Enquanto este centro simula conflitos de baixa a média intensidade, pode também simular operações de apoio e estabilidade (*stability and support operations — SASO*) — o termo militar para complexas emergências humanitárias.⁴⁵ No verão de 1994, as simulações de operações de apoio e estabilidade no Centro de Adestramento e Aprestamento Conjunto envolveram mais de 6000 militares de vários países, acompanhados de observadores estrangeiros e representantes da assistência humanitária.⁴⁶ No verão de 1996, esse Centro conduziu uma missão completa para uma força-tarefa conjunta e combinada em uma área operacional parecida com a Bósnia ou Somália, com cenários de conflito étnico, guerra civil e insurgentes em competição. Como comentou um participante, “as condições realísticas criadas pelo Centro de Adestramento e Aprestamento Conjunto proporcionaram aos participantes o preparo mental e a



Soldados carregam um obuseiro M-198 de 155mm, com um projétil de alto explosivo, na ilha Vieques, Porto Rico, durante o Exercício Força-Tarefa Conjunta 98-1.

O Centro de Adestramento e Aprestamento Conjunto do Exército oferece exercícios duros, realísticos e exigentes de duas semanas de duração para melhorar a liderança e proficiência das unidades militares. Enquanto este centro simula conflitos de baixa a média intensidade, pode também simular operações de apoio e estabilidade (stability and support operations — SASO) — o termo militar para complexas emergências humanitárias.

experiência prática necessária para o seu desempenho em futuras operações de paz.⁴⁷

O Centro de Adestramento e Aprestamento Conjunto atualmente adentra unidades previstas a participarem na Força Estabilizadora da Bósnia (*Stabilizing Force — SFOR*), usando um cenário de manutenção de paz, seis meses antes de seu desdobramento na área. Cada unidade que participou da Força Estabilizadora primeiro se adestrou no Centro de Adestramento e Aprestamento Conjunto em um exercício de ensaio de missão (*mission rehearsal exercise — MRE*). Já foram conduzidos seis exercícios de ensaio de missão. O mais recente foi para a 49ª Divisão da Guarda Nacional do Exército, situada no Texas, que foi o comando enquadrante das unidades do 3º Regimento de Cavalaria Blindado, que assumiu a missão de Força Estabilizadora em março de 2000.⁴⁸

Mesmo que o adestramento prévio programado para operações de manutenção de paz seja certamente tão lógico quanto apropriado, ainda assim é insuficiente. O Exército deveria integrar operações multidimensionais

que envolvessem participantes multinacionais da ONU, das organizações não governamentais, organizações privadas voluntárias de relevantes agências dos EUA em todas as rotações do Centro de Adestramento e Aprestamento Conjunto, do Centro Nacional de Adestramento e do Centro de Adestramento para Manobras em Combate. Atuais cenários de adestramento no Centro Nacional de Adestramento incluem as fases de recepção, concentração, movimento da vanguarda e integração (*reception, staging, onward movement and integraton — RSOI*) durante as quais as unidades removeram equipamentos garantindo a segurança das instalações em função das ameaças terroristas, dos protestos civis e dos carros-bomba, sob cuidadosa observação da “mídia” e, ao mesmo tempo, organizaram a segurança para uma missão de assistência da ONU. Durante a rotação, unidades se defrontam com refugiados, guerrilhas, civis feridos e representantes das organizações não governamentais e privadas voluntárias no campo de batalha, enquanto que os soldados na área de apoio da



A Operação **CENTRAZBAT '98**, um exercício multinacional de manutenção de paz, reuniu 160 soldados da 10ª Divisão de Montanha com soldados turcos, russos e de cinco repúblicas que anteriormente faziam parte da antiga União Soviética.

Esses exercícios têm mais que apenas uma importância simbólica. Podem fomentar interoperabilidade à medida que as forças participantes se adestrem em operações combinadas de manutenção da paz e de assistência humanitária nos níveis de companhia e pelotão.²⁰ Tal treinamento aumenta a eficiência das forças dos EUA quando reagem a complexas emergências humanitárias, especialmente no nível tático, onde as operações fracassam ou são bem sucedidas.

brigada são desafiados mais intensamente que aqueles das forças-tarefas de combate.⁴⁹

Estes exercícios de adestramento multidimensional deveriam incluir membros das organizações de assistência civil. Preparar-se em centros de adestramento antes do envolvimento civil e militar para uma complexa emergência humanitária permitirá a todos os interessados anteciparem os vários problemas em potencial e fará com que o desdobramento e a operação ocorram com mais eficiência. Tal adestramento no Centro de Adestramento e Aprestamento Conjunto, no Centro Nacional de Adestramento e no Centro de Adestramento para Manobras em Combate permitirá

aos comandantes militares trabalharem com seus contrapartidas civis e dará aos soldados regulares uma oportunidade de se prepararem psicológica e taticamente para as missões de manutenção da paz. O adestramento também beneficiará as organizações não governamentais e privadas voluntárias, assim como outras forças multinacionais que nunca trabalharam em conjunto em um ambiente de operações simuladas.

Fora o adestramento tático nos Centros de Adestramento, um programa de treinamento para oficial de estado-maior deveria ser conduzido simultaneamente. Por exemplo, durante o *Cooperative Nugget 97*

multidimensional, mais de 3000 militares de três países da OTAN e 17 países do Partnership for Peace foram treinados no Centro de Adestramento e Aprestamento Conjunto. Ao mesmo tempo, dois oficiais de companhia ou grau superior de cada nação participante tomaram parte no programa de oficial de estado-maior. Civis de posição semelhante de outras agências governamentais, organizações não governamentais e privadas voluntárias também podem participar. Este programa inclui uma viagem ao US Army Peacekeeping Institute em Carlisle Barracks, Pennsylvania, e uma sessão no Forte Benning, Georgia, para instruções posteriores.⁵⁰

Problemas Esperados

Muitos militares hesitam em institucionalizar esse tipo de adestramento porque não querem que as emergências humanitárias interfiram com o adestramento relacionado com as missões mais tradicionais de combate.⁵¹ Institucionalizar as complexas emergências humanitárias daria a impressão de permanência. Porém, treinar e participar em complexas emergências humanitárias não degradará necessariamente a prontidão de combate da maioria das unidades. A chave é preservar habilidades de combate, enquanto se aumenta a eficácia das operações de paz porque “o combate e as operações de paz não devem se tornar alternativas mas técnicas compatíveis e simbióticas de objetivos comuns.”⁵² De fato, cerca de 90 por cento do adestramento para a manutenção da paz também é adestramento para a capacitação geral de combate.⁵³ À medida que nos preparamos para a missão na qual gostaríamos de combater, as missões reais que atualmente conduzimos — lidar com complexas emergências humanitárias — são “improvisadas em prejuízo à nossa prontidão, integridade da unidade e à qualidade de vida de nossos membros.”⁵⁴ Por intermédio da maior exposição às complexas emergências humanitárias, o militar perceberá que “operações de paz e de combate podem parecer diametralmente opostas... de fato, têm conexão inextricável. O Exército dos EUA há muito aceitou o valor do adestramento de combate para dissuadir uma guerra em grande escala e preservar a segurança nacional. Deve também agora reconhecer que as operações multinacionais de paz cumprem o mesmo papel, proporcionando-lhes a mesma e merecida atenção.”⁵⁵

Enquanto antecipamos que militares estrangeiros participarão entusiasticamente desses exercícios, algumas organizações não governamentais podem temer uma aproximação maior com os militares.⁵⁶ Mas Joulwan acredita que as organizações não governamentais estão prontas a participarem, contanto que sejam incluídas nos altos níveis da tomada de decisões.⁵⁷ Inclusive, um representante de uma organização não governamental que participava do exercício no Centro de Adestramento e

Aprestamento Conjunto em 1996 observou que os participantes não militares conferem “um novo elemento ao processo de tomada de decisões militares.”⁵⁸ Exercícios multidimensionais melhorariam a coordenação interagências e a familiaridade das organizações não governamentais com os militares.⁵⁹ As coordenações interagências nos níveis de planejamento e execução de adestramento preservarão mais a sua independência. Outrossim, maior envolvimento das organizações não governamentais demonstrará uma maior apreciação e respeito do militar pelo papel dos civis em lidar com complexas emergências humanitárias.

O adestramento proposto não resolveria fundamentalmente os problemas do Exército. Não mudaria sua estrutura nem reorganizaria a alocação de recursos financeiros e de pessoal e tampouco modificaria sua doutrina. O único que faria seria aproveitar o melhor adestramento que o Exército tem para oferecer — no Centro de Adestramento e Aprestamento Conjunto, no Centro Nacional de Adestramento e no Centro de Adestramento para Manobras em Combate — e fazer com que este apresente com mais clareza os tipos de missões que assume atualmente e que continuará assumindo, pelo menos no futuro próximo. Como nos lembra Peters, “de uma maneira ou de outra, iremos... Desdobramentos muitas vezes são imprevisíveis e surpreendentes. Frequentemente estaremos mal preparados para a missão, em parte por causa das circunstâncias repentinas, mas também porque nosso militar está determinado a não se preparar para missões que não quer, como se a falta de preparo evitasse o desdobramento.”⁶⁰

Apesar de que o Exército se encontra atualmente envolvido em um razoável número de complexas emergências humanitárias, tem dado a impressão a muitos de que não as faz com boa vontade. Richard Schulz, diretor do programa internacional de estudos de segurança no *Fletcher School of Law and Diplomacy* na Tufts University, foi recentemente citado pelo *Boston Globe* como tendo dito que “o serviço que tem outra atitude sobre este tema é o dos Fuzileiros Navais. Eles estão dispostos a fazê-lo.”⁶¹ O Exército deveria ter a mesma vontade e asseverar seu papel como o serviço principal em operações de manutenção de paz. A criação de um programa de adestramento de rotina para complexas emergências humanitárias seria um passo na direção certa.

Certamente, o adestramento e preparo para as operações de paz não devem desviar-se da missão principal de uma unidade, que é treinar para combater e vencer. Porém, o papel tradicional que rege o conflito e a segurança — *si vis pacem, para bellum* — (se quiseres a paz prepara-te para a guerra), deve ser modificado. No presente, temos um novo princípio na resolução de conflitos: *si vis pacem, para pacem*: se quiseres a paz, prepara-te para ela.⁶² **MR**

REFERÊNCIAS

1. Ralph Peters, "Heavy Peace," *Parameters* (Spring 1999), 73-74.
2. Doug Lute, *Improving National Response to Complex Emergencies* (New York: Carnegie Corporation, 1998).
3. Andrew J. Goodpaster, *When Diplomacy is Not Enough: Managing Multinational Military Interventions* (Nova Iorque: Carnegie Corporation, 1996), 10-12.
4. Thomas H. Johnson, "The Task Structure of International Peace Operations," apresentação dada durante a 39ª Reunião Anual da Associação Internacional de Estudos em Minneapolis, Minnesota, em março de 1998.
5. Jennifer Morrison Taw, David Persselin e Maren Leed, *Meeting Peace Operations' Requirements While Maintaining MTW Readiness* (Santa Monica, CA: RAND, 1998), 62.
6. Stephen Lee Meyers, "Politically Astute Generals Picked to Lead Services," *The New York Times*, 22 de abril de 1999.
7. Por exemplo, John E. Lange escreveu que a *Operation Support Hope* em Ruanda mostrou significativas diferenças de perspectivas entre os militares e civis envolvidos. As lições aprendidas durante os exercícios têm focado sobre como melhorar as coordenações cívico-militares durante as operações humanitárias. "Estes esforços devem continuar, particularmente devido à certeza de que o militar será chamado, mais uma vez, para apoiar esforços de assistência humanitária quando estas excederem a capacidade das agências humanitárias. A melhoria no planejamento e na coordenação é de particular importância entre as forças armadas e as organizações internacionais e não governamentais que se especializam na assistência humanitária." Veja "Civilian-Military Cooperation and Humanitarian Assistance: Lessons from Rwanda," *Parameters* (Summer 1998), 106.
8. Don Snider, "Let the Debate Begin: It's Time For An Army Constabulary Force," *Army* (junho de 1998), 14-16. Também o Goodpaster argumenta que "forças de estrutura permanente podem precisar de ajustes para lidar mais eficientemente com conflitos internos estrangeiros. Por exemplo, unidades adicionais de polícia militar podem ser necessárias na medida em que as forças militares se tornam mais envolvidas com operações que as colocam em contato direto com populações civis," *When Diplomacy Is Not Enough*, 7.
9. Jennifer Morrison Taw e John E. Peters, *Operations Other Than War: Implications for the US Army* (Santa Monica, CA: RAND, 1995), xiii.
10. *Ibid.*, 10 e 28.
11. George A. Joulwan e Christopher C. Shoemaker, *Civilian-Military Cooperation in the Prevention of Deadly Conflict* (New York: Carnegie Corporation, 1998), 5-6.
12. General George A. Joulwan, entrevistado pela Tenente Young, 7 de dezembro de 1998, em West Point, NY.
13. Joulwan e Shoemaker, 1.
14. Goodpaster, 14.
15. Tn Cel James H. Baker, "Policy Challenges of UN Peace Operations," *Parameters* (Spring 1994), 19 e 24. Baker serviu com as forças de manutenção da paz na Península do Sinai no Egito, no Líbano e na zona desmilitarizada entre o Iraque e o Kuwait.
16. Janet E. Heining, *Peacekeeping in Transition: The UN in Cambodia* (Nova Iorque: The Twentieth Century Foundation Press, 1994), 128.
17. Clayton E. Beattie, "The International Peace Academy and the Development of Training for Peacekeeping," no *Peacekeeping: Appraisals and Proposals*, editor. Henry Wiseman (Nova Iorque: Pergamon Press, 1983), 214. Mats R. Berdal observou que "vale a pena salientar, neste contexto, que o desempenho das tropas de manutenção da paz da ONU não segue a simples divisão entre exércitos de primeiro mundo ocidental e aqueles do terceiro mundo, apesar de que afirmam o contrário de vez em quando. Os mais bem sucedidos contingentes no Camboja são geralmente considerados como sendo os da Índia e do Uruguai, enquanto que os marroquinos e italianos na Somália são muito respeitados por se darem tão bem com a população local." Em "Whither UN Peacekeeping?" *Adelphi Paper 281* (London: International Institute for Strategic Studies, outubro de 1993), 47.
18. Citado pelo Sargento John Valceanu, "Centrazbat '98," *Soldiers* (fevereiro de 1999), 5-6.
19. *Ibid.*, 7.
20. "Memorandum for Correspondents" [Internet] (visto em 27 de fevereiro de 1999); disponível no http://www.defenselink.mil/news/May1997/m052997_m088-97.html e na página eletrônica: *DefenseLINK* [Online] disponível no <http://www.defenselink.mil/>; Internet.
21. Taw, *Interagency Coordination in Military Operations Other Than War* (Santa Monica, CA: RAND, 1997), 23.
22. Lute, 6.
23. Joulwan e Shoemaker, 9.
24. Max G. Marwaring, "Peace and Stability Lessons from Bosnia," *Parameters* (Winter 1998-99), 32.
25. Joulwan e Shoemaker, 1.
26. *Ibid.*, 2.
27. Joint Warfighting Center, *Joint Task Force Commander's Handbook for Peace Operations* (Washington, DC: US Government Printing Office, 1997), II-1.
28. Taw, 3.
29. *Ibid.*, 10 and 19.
30. Doll e Metz, 17.
31. *Ibid.*, 21.
32. Cel Karl Farris, "UN Peacekeeping in Cambodia: On Balance, A Success," *Parameters* (Spring 1994), 48. Farris recentemente deixou a diretoria do *Peacekeeping Institute* no *US Army War College*. Serviu também como observador mais antigo dos EUA para a missão da ONU no Camboja.
33. Charles H. Swannack e o Tn Cel. David R. Gray, "Peace Enforcement Operations," *Military Review* (novembro-dezembro de 1997), 8.
34. *United States European Command Headquarters, After Action Review: Operation Support Hope* (Ruanda), (Europa: USEUCOM, 1995).
35. Taw, 22-23.
36. Lange, 106.
37. Margaret Daly Hayes e Gary F. Wheatley, ed., *Interagency and Political-Military Dimensions of Peace Operations: Haiti—A Case Study* (Washington, DC: National Defense University, 1996), 37.
38. William J. Doll e Steven Metz, *The Army and Multinational Peace Operations: Problems and Solutions* (Carlisle Barracks, PA: Strategic Studies Institute, US Army War College, 1993), 4. Este relatório foi resultado da discussão que ocorreu no dia 29 de novembro de 1993 e foi patrocinado pelo *Strategic Studies Institute*, o *US Army War College* e o *US Army Peacekeeping Institute* no *US Army War College*.
39. Peters, 79.
40. Johnson.
41. Swannack e Gray, 9.
42. Ralph Peters, 71.
43. Tom McLaughler, entrevistado pela Tenente Young, 30 de março de 1999, West Point, NY.
44. Algumas unidades já fazem tais adaptações no campo. Como exemplo veja John A. Nagl e Tim Huening, "Nearly War: Training a Divisional Cavalry Squadron for Operations Other Than War" *Armor* (janeiro-fevereiro de 1996), 23-24.
45. OOTW é o termo do Exército para operações de não guerra, incluindo reações à complexas emergências humanitárias. Enquanto que OOTW é uma opção no JRTC, a maioria das unidades ainda escolhem *exercícios regulares* (Taw, Parsellin e Leed, 31).
46. B. Novovitch, 14 de agosto de 1994, "US Troops Stage Major 'Peacekeeping' Exercise," Reuters, Limited.
47. Swannack e Gray, 10.
48. Entrevista telefônica com o Major Bill Costello, Oficial de Comunicação Social do JRTC, 19 de dezembro de 1999.
49. Entrevista telefônica com o Major Barry Johnson, Oficial de Comunicação Social no NTC, 19 de dezembro de 1999.
50. *DefenseLINK*.
51. Lute, 7.
52. Doll e Metz, 1.
53. Mats R. Berdal, "Whither US Peacekeeping?" *Adelphi Paper 281* (London: Institute for International Strategic Studies, 1993), 47.
54. Veja Russell F. Weigley, *The American Way of War: A History of United States Military Strategy and Policy* (Bloomington, IN: Indiana University Press, 1973). Weigley argumenta que "na história da estratégia americana, a direção tomada pela concepção americana da guerra, feita pela maioria dos estrategistas americanos, durante a maior parte da história americana, era a dos estrategistas da aniquilação," xxii. Veja também Ralph Peters, 76.
55. Doll e Metz, 22.
56. Muitos países já conduzem exercícios multinacionais de adestramento para a manutenção da paz. Por exemplo, os países escandinavos, que eram mais de uma quarta parte do todos os voluntários da ONU, estabeleceram programas conjuntos para treinar voluntários em missões de manutenção da paz. Recentemente, a Brigada Nórdica cooperou com a Polónia para formar uma brigada nórdica e polonesa que serviu com *IFOR* na Bósnia. Esta abordagem foi limitada por países tais como a Áustria, Malásia e a Suíça. Porém durante entrevistas informais com o correspondente da *CNN World* Ralph Begleiter (22 de novembro de 1998) e membro do *Council on Foreign Relations* e a professora da Yale Law, Ruth Wedgwood (26 de novembro de 1998) ambos divulgaram o fato de que organizações não governamentais às vezes temem perder sua independência ou serem vistas como demasiado conectadas ao militar.
57. Joulwan entrevista.
58. Novovitch.
59. Taw, 23.
60. Ralph Peters, 74.
61. *The Boston Globe*, 7 de março de 1999.
62. Michael Renner, *Critical Juncture: The Future of Peacekeeping* (Worldwatch Institute, maio de 1993), 5-6.

OMajor John A. Nagl é professor assistente de relações internacionais e estudos nacionais de segurança na U.S. Military Academy — USMA, em West Point, Nova Iorque. É bacharel da USMA, M.Phil e Ph.D da Universidade de Oxford. Serviu em uma variedade de posições de comando e estado-maior no Território Continental dos Estados Unidos e na Alemanha, incluindo S4 e Comandante de subunidade no 1º Esquadrão da 1ª Brigada da 1ª Divisão Blindada em Buedingen, na Alemanha.

Elizabeth O. Young é Oficial da Polícia do Exército (Military Police) Especializada em relações internacionais e história estratégica, foi premiada com a bolsa Truman Scholarship para fazer um trabalho de pós-graduação em relações internacionais e mais a Rhodes Scholarship da Universidade de Oxford.